

REPRESSÃO E LIBERDADE SEXUAL NO NOVO CINEMA PERNAMBUCANO

Autor: Diôgo Souza Lima

Universidade Federal da Bahia. Diogolima.ciso@gmail.com

Resumo

Esse trabalho tem como base a pesquisa ainda inicial para desenvolvimento no mestrado na Universidade Federal da Bahia. Se insere no campo da sociologia da arte, tem por objeto a representação de comportamentos sexuais e a sua repressão social nas obras ficcionais *Tatuagem* (Hilton Lacerda, 2013) e *Baixio das bestas* (Cláudio Assis, 2007). Ambas integrantes do “Novo Cinema Pernambucano”, tomado aqui como um movimento, mesmo não formalizado. Essa denominação pode ser tomada para efeito de pesquisa devido ao fato deste cinema apresentar semelhanças significativas em suas formas representacionais, pois a questão da tradição/modernidade perpassa as obras fílmicas da retomada do cinema no Estado de Pernambuco. Esse projeto pretende-se uma análise sociológica e estética das obras cinematográficas citadas, importantes pelo seu conteúdo e repercussão, evidenciado nas premiações, discutindo também o próprio movimento cinematográfico, e porque Pernambuco se destaca na produção nacional de filmes. A análise dos discursos que Foucault aborda nas obras *História da Sexualidade I e II* serão levadas em consideração para a análise das obras cinematográficas escolhidas pelo seu valor histórico e por sua capacidade axiológica ao fornecer categorias que nos permitem compreender a normatividade na sociedade moderna. No entanto, considero, ao mesmo tempo, ser necessário compreender o papel da repressão sexual na civilização e, no caso específico do nosso objeto de estudo como o cinema a refigura, por isso a crítica de Marcuse à categoria da repressão sexual em Freud, nos permite pensar os limites impostos ao exercício da sexualidade e um horizonte de uma sexualidade mais livre.

Palavras-chave: Repressão sexual, Liberdade Sexual, Representação, Cinema, Pernambuco.

Esse trabalho tem como base a pesquisa ainda inicial submetida ao mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia, sob orientação do Professor Antônio da Silva Câmara. O mesmo se insere no campo da sociologia da arte, tem por objeto a representação de comportamentos sexuais e a sua repressão social nas obras ficcionais *Tatuagem* (Hilton Lacerda, 2013) e *Baixio das bestas* (Cláudio Assis, 2007). Ambas integrantes do “Novo Cinema Pernambucano”, tomado aqui como um movimento, mesmo não formalizado. Essa denominação pode ser tomada para efeito de pesquisa devido ao fato deste cinema apresentar semelhanças significativas em suas formas representacionais, pois a questão da tradição/modernidade perpassa as obras fílmicas da retomada do cinema no Estado de Pernambuco. Isso não implica em homogeneidade quanto a temas e estilos cinematográficos dos diversos diretores implicados na criação deste “novo cinema”. A questão norteadora deste cinema, qual seja, a do questionamento das relações patriarcais diante da emergência da modernidade (tanto em termos culturais quanto econômicos) encontram-se fortemente presentes nas obras que pretendemos estudar, *Baixio das Bestas* e *Tatuagem*, que interpõem rural e urbano, repressão e liberdade. Dessa forma, o objetivo da pesquisa é compreender

a representação de comportamentos sexuais em conflito com padrões estabelecidos e a repressão da sexualidade nas obras cinematográficas *Tatuagem* e *Baixio das Bestas*.

A partir da inserção no grupo de pesquisa Representações sociais: Arte, ciência e ideologia, na UFBA, com projeto de pesquisa sobre Neorrealismo Italiano, movimento esse que influenciou diversos outros ao redor do mundo, reverberando inclusive no Cinema Novo brasileiro, atentei para o cinema enquanto representação fílmica do mundo e criação do mundo ao mesmo tempo. Pois a arte parte do mundo e cria um novo produto, uma nova realidade, com seu caráter ambíguo entre a autonomia e o fato social, mas contendo a liberdade e autoconsciência sem a qual não existiria, não sendo um simples reflexo, segundo o pensamento de Theodor Adorno (2013). O estudo do neorrealismo italiano, foi importante porque, tendo como foco a crítica social e a representação da sociedade sem a reconciliação, sem subterfúgios típicos de outras formas de fazer cinema, como o de Hollywood, me fez apreciar essa forma de cinema que dá espaço aos conflitos e às classes sociais menos privilegiados. Desde então, voltei meus olhos para o cinema nacional buscando esses elementos, já amplamente estudados no cinema novo, e seu maior expoente Glauber Rocha, mas ainda pouco debatidos no Novo Cinema pernambucano, um cinema nacional moderno ainda em desenvolvimento, que aborda problemáticas contemporâneas. Não tenho dúvidas que seja o momento ideal para essa discussão, por conta do atual crescimento do conservadorismo no Brasil, principalmente introduzindo a questão da sexualidade, ainda vista como tabu na sociedade. É imperativo que a sociologia da arte contribua para essa questão, lançando luz em obras cinematográficas que representam com tamanha profundidade temas tão caros às ciências sociais.

Metodologia

Os filmes escolhidos serão analisados esteticamente e sociologicamente, usando a técnica de *découpage*, citada por muitos autores, como Marcel Martin (2013), Ismail Xavier (2008), Jacques Aumont e Michel Marie (2004), que consiste na fragmentação de cenas para uma análise mais detalhada, e no seu reagrupamento *a posteriori* para uma continuidade da análise e interpretação do todo. Essa técnica faz parte da montagem do filme, normalmente realizada pelo diretor, sendo chamada de planificação e listagem dos planos, mas constitui também um método de análise após a completude da obra, sendo chamada de decomposição plano a plano ou apenas decomposição¹.

¹ A realização de uma obra cinematográfica comporta diversos elementos sem os quais os filmes perdem em lógica e sentido. Martin (2013), por exemplo, cita os enquadramentos, que transformam a realidade exterior em matéria artística, os planos que são definidos a partir da distância entre a câmera e o objeto de representação, os ângulos, definidos pela posição da câmera em relação ao objeto e ainda os movimentos de câmera. As elipses constituem um instrumento de

Referências de técnicas cinematográficas e autores da sociologia pertinentes a uma discussão acerca do forte conteúdo desses filmes também serão utilizadas, além de produções de críticos de arte e entrevistas com diretores de cinema, compondo os instrumentos descritivos da obra, funcionando para uma memorização da mesma e disponibilizando instrumentos documentais acerca das películas, que acrescentam à discussão informações de fontes externas ao filme, a respeito do mesmo ou da sua temática. Tal procedimento leva em conta que é necessário contextualizar a obra com informações externas sobre o diretor, a recepção do filme, as críticas, a apreciação dos próprios diretores etc., no entanto, não considera esses elementos como determinantes para a análise da película, uma vez que, a obra é relevante por si mesma e pelas representações que contem.

Resultado e discussão

O filme *Baixio das bestas*² foi lançado em 2007, com direção de Cláudio Assis, sendo seu segundo filme, o primeiro foi *Amarelo Manga* (2002), outra grande obra do cinema pernambucano. A obra de gênero dramático tem roteiro de Hilton Lacerda e conta com Mariah Teixeira, Caio Blat, Irandhir Santos, Matheus Nachtergaele, Fernando Teixeira, Dira Paes, Marcélia Cartaxo, Hermila Guedes, Conceição Camarotti, entre outros no elenco.

A exploração, prostituição, dominação, incesto, entre outros temas se desenrolam em cenas quase explícitas na história de Auxiliadora, uma jovem, menor de idade, explorada por seu avô, Heitor, que a exhibe nua todas as noites, em troca de dinheiro, no posto de gasolina de um pequeno povoado da Zona da Mata pernambucana, onde moram os personagens, mas a mantém presa em casa durante o dia, obrigando-a a realizar todas as atividades domésticas, além de preservar sua virgindade por motivos vis.

Na cidade, Cícero, um jovem mimado que pertence a uma conhecida família local, e seu amigo Everardo, promovem orgias violentas na casa de Dona Margarida, onde moram as prostitutas do povoado. Cícero sente atração por Auxiliadora, ao passo que Maninho, um trabalhador humilde, é apaixonado pela jovem, mas precisa enfrentar o avô dominador que não deixa a neta ter contato

grande importância, pois, através delas, o cineasta pode sugerir determinados acontecimentos que não precisam necessariamente ser filmados.

² Foi o Primeiro longa-metragem brasileiro a receber o prêmio Tiger Award, maior prêmio do Festival Internacional de Cinema de Rotterdam em 2007. Venceu os prêmios de Melhor direção no 9º Festival de Cinema Brasileiro de Paris, Melhor Filme pelo Júri Oficial no Festival de Cinema de Brasília, Melhor Filme eleito pela crítica no Festival de Cinema de Brasília, Melhor Atriz com Mariah Teixeira no Festival de Cinema de Brasília, Melhor Ator Coadjuvante com Irandhir Santos Festival de Cinema de Brasília, Melhor Atriz Coadjuvante com Dira Paes no Festival de Cinema de Brasília e Melhor Trilha Sonora no Festival de Cinema de Brasília.

com nenhum homem. As vidas de todos se entrelaçam em um drama sobre a condição da mulher naquela região.

Baixio das bestas nos permite analisar ao mesmo tempo as classes mais abastadas de um Pernambuco urbanizado e as classes mais desprivilegiadas de uma localidade ainda extremamente rural, e a relação entre essas classes auxilia o desenvolvimento da narrativa. Além de elaborar representações das expressões de sexualidade nesse contexto social.

Já Tatuagem³ conta com roteiro e direção de Hilton Lacerda, marcando a estreia do já renomado roteirista no cargo de diretor, foi lançado em 2013, conta com Irandhir Santos, Jesuíta Barbosa, Rodrigo García, Mariah Texeira, Nash Laila, Arthur Canavarro, Clébia Souza, Erivaldo Oliveira, Diego Salvador, Everton Gomes, Rafael Guedes, Jennyfer Caldas, Iara Campos, entre outros no elenco.

A obra nos leva para a Recife de 1978, período de ditadura militar no Brasil. A trupe teatral Chão de Estrelas, um grupo de artistas que provoca o poder e a moral estabelecida com seus espetáculos e interferências públicas em shows repletos de ironia e nudez, indo de encontro à moralidade da época, ensaiam resistência política a partir do deboche e da anarquia e conta com um tradicional público de homossexuais.

Clécio Wanderley é o líder da trupe e mantém um relacionamento conturbado com Paulete, a principal estrela da equipe. O jovem interiorano Fininha, apelido do soldado Arlindo Araújo de 18 anos, que presta serviço militar obrigatório na cidade, é namorado da irmã de Paulete, ao visitá-lo, se encanta com o universo criado pelo Chão de Estrelas e se sente atraído por Clécio. Logo, iniciam um relacionamento, que o coloca em um paradoxo: ao mesmo tempo em que faz parte do exército que reprime o Chão de Estrelas, ele é também quase um integrante do grupo, e precisa lidar com a repressão existente na sociedade e no próprio meio militar no qual está inserido, em plena ditadura, apesar de ser um período no qual o golpe, apesar de ainda atuante, já mostra sinais de esgotamento. A obra faz uma bela discussão acerca da repressão e da censura, situados especificamente na ditadura militar, perpassando por conteúdos artísticos, pela liberdade sexual, etc.

Para avançar na discussão da representação cinematográfica, partimos da ideia de Adorno (2013), que aponta que a arte cria uma outra realidade a partir do mundo, a arte é criação e enquanto

³ Venceu os prêmios de Melhor Filme no Festival de Gramado, Melhor Trilha Musical no Festival de Gramado, Melhor Ator para Irandhir Santos no Festival de Gramado, Prêmio Especial do Júri de melhor Ficção no Festival de Cinema do Rio, Melhor Ator para Jesuíta Barbosa no Festival de Cinema do Rio, Melhor Ator Coadjuvante para Rodrigo García no Festival de Cinema do Rio, Melhor Longa-metragem de Ficção no Prêmio do Público do Festival de Cinema do Rio, Prêmio FIPRESCI de Melhor Longa Latino-Americano no Festival de Cinema do Rio e Melhor Ator para Rodrigo García no 57º Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte.

tal traz elementos próprios que não podem imediatamente nos reconduzir a realidade, a não ser de forma mediatizada, a representação fílmica se dá como recriação do mundo pelo cineasta, de forma que se unificam elementos subjetivos do indivíduo que cria o filme e elementos objetivos que estão dados na sociedade. Assim o filme aponta para o mundo que lhe é exterior e permite refletir sobre ele, mas ao mesmo tempo é uma criação nova que se impõe a este mundo.

Um segundo conceito sobre o qual precisamos avançar para a análise dos filmes é o da sexualidade, partindo do entendimento que o corpo é simultaneamente biológico e social, uma vez que as sociedades moldam os corpos de acordo com suas necessidades. A partir disso, desenvolvem também interdições às práticas sexuais que não estejam adequadas aos seus padrões dominantes. Isto acarreta sanções para os que estão à margem das normas, essas sanções podem compreender desde a violência simbólica até interdições da liberdade ou mesmo o suplício físico. Por outro lado, há indivíduos e grupos sociais que desafiam as formas de representação e práticas que conformam o corpo ao padrão dominante, buscando vivencia-lo de forma alternativa.

Dessa forma, a liberdade seria o ato mesmo de romper com o que é predeterminado e a repressão é empregada na acepção não-técnica para designar os processos conscientes e inconscientes, externos e internos, de restrição, coerção e supressão, como emprega Marcuse (2015).

Fazendo uma interseção entre cinema e sexualidade, podemos constatar que o sexo já foi tão censurado no cinema que as cenas só tinham insinuação do que iria acontecer, os casais entravam no quarto e havia uma elipse de conteúdo. Até mesmo a gravidez era um tabu, muitas mulheres engravidavam nos filmes, mas o corpo não sofria as transformações características. No entanto, isso mudou tanto que atualmente temos filmes quase que inteiramente voltados para essa questão, como *Ninfomaníaca* (Lars Von Trier, 2014) e *50 Tons de Cinza* (Sam Taylor-Johnson, 2015). No Brasil as pornochanchadas, comédias eróticas sem sexo explícito, que obtiveram grande destaque durante a ditadura militar, na década de 1970, escancararam o teor sexual no cinema, quebrando tabus que imperavam até então.

O sociólogo e crítico cinematográfico Rodrigo Gerace, que escreveu o livro “Cinema Explícito - Representações Cinematográficas do Sexo”, afirma em entrevista⁴:

⁴ GERACE, Rodrigo. **Rodrigo Gerace quebra tabus com o lançamento do livro 'Cinema Explícito - Representações Cinematográficas do Sexo** [Jan. 2016]. Entrevistador: Matheus Vieira: A Cidade ON Araraquara, 2016. Entrevista concedida ao site A cidade on. Disponível em: <https://www.acidadeon.com/lazerecultura/NOT,3,7,1139605,Rodrigo+Gerace+quebra+tabus+com+o+lancamento+do+livro+Cinema+Explicito+-+Representacoes+Cinematograficas+do+Sexo.aspx>

“O fato é que aquilo que é tido como “obsceno” é cultural e se altera com o tempo: o primeiro beijo na boca no filme “The Kiss”, de 1896, dirigido por William Heise, foi acusado de obscenidade na época, e, hoje, seu efeito já não é o mesmo. Ao passo que o longa de Karim Ainouz, “Praia do Futuro”, sofreu um veto reacionário de algumas redes de cinema que carimbavam “avisado” no ingresso do público que ia assistir ao filme, alegando que estavam “cientes” das cenas de sexo gay. Fora isso, é só pensarmos que um beijo entre homens ainda é tabu na tevê brasileira. A violência é mais domesticada que o desejo sexual.” (GERACE, 2016)

A partir das ideias presentes na obra História da sexualidade – A vontade de saber, publicado em 1976, sobre a sexualidade no mundo ocidental escrito por Michel Foucault, é possível entender que o autor faz uma crítica a “hipótese repressiva” a partir de uma análise dos discursos, de que a sociedade vive, desde a época vitoriana, uma fase de repressão sexual, na qual o sexo se reduz à sua função reprodutora. Apesar de reconhecer que ainda exista repressão em torno da sexualidade, ele formula uma nova hipótese, de que na verdade há, a partir do séc. XVIII, uma proliferação de discursos sobre sexo, incitados através de instituições como a igreja, a escola e a família, mais tarde atingindo também discursos científicos.

O período que vivemos trouxe um aumento jamais visto nos discursos sobre o sexo, segundo o próprio Foucault, o que pode indicar uma liberdade ao tratar da sexualidade. Porém é importante perceber a qualidade dos discursos, cada vez mais racionalizados, científicos e morais, constituindo discursos úteis e formando uma ciência.

A ciência sexual assume o caráter de um mecanismo de prescrições morais aos indivíduos, tendo como produtos dispositivos de racionalidade científica, que norteiam uma vontade de saber. A vontade de saber é, ao mesmo tempo, processada em uma vontade de esconder “verdades” relativas ao sexo, a vontade de não saber. Dessa forma, também há prazer em ter poder sobre o sexo, através das ações de vigiar, fiscalizar, regular, punir, assim como há prazer em fugir desse poder. Os dois processos inversos, rivalizados explicam a criação de uma sociedade de controle que se satisfaz, na verdade, de uma forma contida e hipócrita.

O discurso tratava do sexo não apenas como uma coisa a ser tolerada, mas a ser gerida para o bem de todos, não apenas se julga, mas se administra o sexo. Um motivo prático para a regulação do sexo relaciona-se com o crescimento demográfico e o tratamento científico da população vista como problema econômico e político, pondo-se como necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis e assim por diante. O aumento dos discursos sobre sexo pode, então, ter visado produzir uma sexualidade economicamente útil. O sexo também foi inserido na zona de interesse de novas ciências como a pedagogia e a psiquiatria. Na pedagogia, há a elaboração de um discurso

sobre o sexo das crianças, vetadas de quaisquer praticas mesmo que solitárias e sob o julgo de toda a família, empregados, professores, enfim, toda a sociedade; na psiquiatria, são estabelecidas as perversões sexuais, praticas não conformadas ao que é dominante na sociedade. Ao assinalar os perigos, despertam-se as atenções em torno do sexo, o que incita cada vez mais o discurso sobre o mesmo.

O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico, o controle familiar, e outras atitudes ao redor do sexo, que aparentemente visam apenas vigiar e reprimir essas sexualidades, funcionam na verdade como mecanismos de incitação, uma dialética entre prazer e poder. “Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espia, investiga, revela; prazer de escapar desse poder. Poder que se deixa invadir pelo prazer a que persegue. Poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar, de resistir”. (FOUCAULT, 2015). Dessa forma, prazer e poder reforçam-se mutuamente.

Pode-se afirmar então, que um novo prazer surgiu: o de contar e o de ouvir falar de sexo, desde que o ocidente foi impelido na idade média pela pastoral cristã ao hábito de confessar nos mínimos detalhes as atitudes e até os desejos mais escondidos. Assim sendo, Foucault constrói uma nova hipótese sobre a sexualidade humana.

No segundo livro da série História da sexualidade, com o título O uso dos prazeres, Foucault prossegue na análise, e encontra nos primeiros textos cristãos que tratam da sexualidade, uma dupla influencia, das escrituras sagradas e da filosofia pagã. Mas já é manifesta a associação entre a atividade sexual e o mal, a regra de uma monogamia procriadora e a condenação das relações entre indivíduos do mesmo sexo, aparentemente todas influencias do cristianismo, uma vez que tais práticas eram exaltadas na Grécia e toleradas em Roma, mas já havia sinais de condenação na medicina grega. No entanto, cabe ressaltar que não era imposição social ou política, apenas aspirações de indivíduos moralistas.

Foucault prossegue analisando o que a literatura diz a respeito do homossexual, e nota que existe um perfil-tipo do homossexual, estereotipando seus gestos e postura, como também o modo de se vestir, e a própria aparência física, como se a própria natureza se fizesse cúmplice, segundo o autor. A literatura trata a questão como uma inversão de papéis sexuais, e uma ofensa à natureza. Nota-se na negatividade desse estereótipo a dificuldade da sociedade ocidental de lidar com a “inversão de papéis”, que estaria mais próximo do que atualmente se entende por transexualidade, e com as relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo, importante atentar que se trata de dois fenômenos distintos.

Esse estereótipo já se fazia presente na literatura greco-romana da época imperial, e mesmo antes disso, Foucault aponta o primeiro discurso de Sócrates no Fedro, quando repreende o amor que se tem aos “rapazes flácidos, educados na delicadeza da sombra, ornados de maquilagens e adereços.”

O autor aponta que seria inexato ver aí uma condenação de relações homossexuais, entretanto, é necessário reconhecer o efeito de apreciações fortemente negativas a propósito de certos aspectos possíveis na relação entre homens, especificamente, pois se encontraria uma renúncia voluntária aos prestígios do papel viril, tomando forma numa viva repugnância a respeito de características que são entendidas como tipicamente femininas. O domínio das relações homossexuais se encontrava "livre" na Antiguidade grega, em muito maior grau do que nas sociedades modernas, ainda segundo Foucault, entretanto, é nesse mesmo período histórico de liberdade que se vão construir intensas reações negativas e formas de desqualificação, estereotipização e preconceito que se prolongarão até a atualidade.

Seguindo caminho distinto do de Foucault na análise da sexualidade abordamos abaixo as argumentações de Freud e de Marcuse, ambas privilegiando a repressão sexual como central no desenvolvimento das sociedades.

Segundo Freud, por motivos culturais, a repressão mais intensa incide sobre os instintos sexuais; mas é precisamente em relação com eles que a repressão mais facilmente falha, de modo que os sintomas neuróticos são satisfações substitutivas da sexualidade reprimida. Será na sua obra o mal da civilização que Freud (1976) mais se aproximará de uma abordagem social da sexualidade humana, pois se, ao longo de suas pesquisas ele expõe de modo nítido os resultados negativos da repressão à sexualidade sobre os indivíduos, particularmente para buscar as origens das neuroses humanas, apenas nesta obra conseguimos ver articulado, mais próximo de uma abordagem social, a repressão aos instintos humanos e à libido como obra da própria civilização.

Não importando aqui fazer uma análise da obra psicanalítica de Freud registramos a perspectiva positiva sobre a sociedade, vista pelo autor como uma comunidade que estabelece relações sociais de poder superior ao poder individual e, nesta condição, age sobre os indivíduos no sentido de se auto preservar dos instintos individuais e de sua capacidade destrutiva e, ao mesmo tempo, mola mestra da obra freudiana, como este poder da sociedade estaria na origem das afecções psicológicas, de modo mais explícito nas neuroses. Freud, mesmo reconhecendo de modo embrionário esta dialética entre indivíduo/sociedade desenvolverá pesquisas numa perspectiva individualizada para buscar adequar o indivíduo ao seu mundo e, partindo da sexualidade humana

diagnosticará as neuroses, classificando comportamentos humanos em desconformidade com a civilização como patológicos, a exemplo da homossexualidade, das práticas onanistas, a busca pelo prazer em práticas sexuais masoquistas ou sádicas etc. No entanto, temos na sua abordagem a sociedade como pano de fundo, que ao longo de sua obra cede lugar ao tratamento individualizado das “patologias” ou à busca de pôr o indivíduo em conformidade com o princípio de realidade com o mínimo de sofrimento possível diante dos constrangimentos da sociedade.

Marcuse entende que a proposição de Sigmund Freud, segundo a qual a civilização se baseia na permanente subjugação dos instintos humanos, foi aceita como axiomática. Freud considerou o processo no qual os benefícios da cultura teriam compensado o sofrimento infligido aos indivíduos como inevitável e irreversível. Segundo ele, a felicidade não é um valor cultural, ela deve estar subordinada à disciplina do trabalho como ocupação integral, à disciplina da reprodução monogâmica, ao sistema estabelecido de lei e ordem. No entanto, o sacrifício metódico da libido, a sua sujeição rigidamente imposta às atividades e expressões socialmente úteis, é cultura.

É fato que esse sacrifício trouxe “avanços”, pelo menos numa perspectiva técnica, na medida em que a produção crescente de mercadorias consegue satisfazer nas necessidades das pessoas em escala jamais vista em outras sociedades. Ainda segundo Marcuse, contudo, o progresso intensificado parece estar vinculado a uma igualmente intensificada ausência de liberdade. Por todo o mundo da civilização industrial, o domínio do homem pelo homem cresce em âmbito e eficiência, e essa tendência não parece dar sinais de esgotamento. Os campos de concentração, extermínios em massa, guerras mundiais e bombas atômicas não são recaídas no barbarismo, mas a implementação irreprimida das conquistas da ciência moderna, da tecnologia e dominação dos nossos tempos. E a mais eficaz subjugação e destruição do homem pelo homem tem lugar no auge da civilização, quando as conquistas e realizações materiais e intelectuais da humanidade poderiam permitir a criação de um mundo verdadeiramente livre.

Esses aspectos negativos da cultura moderna podem indicar que as instituições estabelecidas estão arcaicas, retrógradas, e assinalar a emergência de novas formas de civilização. A repressão é, talvez, mantida com tanto mais vigor quanto mais desnecessária se torna.

Marcuse aponta que a própria teoria de Freud fornece razões para rejeitarmos a sua identificação de civilização com repressão como indissociáveis. Analisando a noção de uma civilização não repressiva não como uma especulação abstrata e utópica, o autor assinala que essa análise está justificada com base em dois dados concretos e realistas: primeiro, a própria concepção teórica de Freud parece refutar a sua firme negação da possibilidade histórica de uma civilização

não repressiva; e, segundo, as próprias realizações da civilização repressiva parecem criar as precondições para a gradual abolição da repressão.

Marcuse acredita que a teoria de Freud é, em sua própria substância, sociológica, e que nenhuma nova orientação cultural ou sociológica é necessária para revelar essa substância. Freud desenvolveu uma teoria do homem, uma psicologia no sentido mais estrito do termo. Com essa teoria, Freud colocou-se na grande tradição da Filosofia e ao abrigo de critérios filosóficos. A intenção desse trabalho, em consonância com Marcuse não é uma interpretação corrigida ou aumentada dos conceitos freudianos, mas com as suas implicações sociológicas. Usando as bases lançadas por Freud, Marcuse rejeita a ideia da repressão como algo inevitável, mas sim como produto social que pode e deve ser alterado.

A análise dos discursos que Foucault aborda nas obras História da Sexualidade I e II serão levadas em consideração para a análise das obras cinematográficas escolhidas pelo seu valor histórico e por sua capacidade axiológica ao fornecer categorias que nos permitem compreender a normatividade na sociedade moderna. No entanto, considero, ao mesmo tempo, ser necessário compreender o papel da repressão sexual na civilização e, no caso específico do nosso objeto de estudo como o cinema a refigura, por isso a crítica de Marcuse à categoria da repressão sexual em Freud, nos permite pensar os limites impostos ao exercício da sexualidade e um horizonte de uma sexualidade mais livre.

Referências

- ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2013. (Arte e Comunicação).
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. 2. ed. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2004. 216 p. (Mimeses).
- BAIXIO das Bestas. Direção de Cláudio Assis. Produção de Julia Morais; Claudio Assis. Roteiro: Hilton Lacerda. Música: Pupillo. Pernambuco: Parabólica Brasil; Rec Produtores; Quanta, 2006. (80 min.), son., color.
- BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In.: Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 165-197.
- CÂMARA, Antônio da Silva; JESUS, Altair Reis de. O marxismo e a arte cinematográfica. In: COLOQUIO INTERNACIONAL MARXENGELS, 5., 2007, Campinas. **Anais...** . Campinas: Unicamp, 2007. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt6/sessao3/Antonio_Camara.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- CÂMARA, Antônio da Silva; LESSA, Rodrigo (org.). **Cinema Documentário Brasileiro em Perspectiva**. Salvador: Edufba, 2013. 333 p.
- CASSETTI, Francesco; CHIO, Federico Di. **Cómo analizar un film**. Barcelona, Paidós: 1998.

- FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade: A vontade de Saber**. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015. 175 p. Tradução: Maria Tereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: Uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FREUD, Sigmund. **O mal estar da civilização**. Obras Completas volume XXI. Imago Editora. Rio de Janeiro. 1974.
- HEIMER, Rosa; Moreira, Lucas. A margem do corpo: interdição, loucura e morte. In CÂMARA, Antônio da Silva; LESSA, Rodrigo (org.). **Cinema Documentário Brasileiro em Perspectiva**. Salvador: Edufba, 2013. P. 243-257.
- LESSA, Rodrigo Oliveira. A Representação da vida cotidiana no cinema documentário. IN CÂMARA, Antônio da Silva; LESSA, Rodrigo (org.). **Cinema Documentário Brasileiro em Perspectiva**. Salvador: Edufba, 2013. P.55-86.
- CASSETTI, Francesco; CHIO, Federico Di. **Cómo analizar un film**. Barcelona: Paidós, 1998.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013. 303 p. Tradução: Paulo Neves.
- TATUAGEM. Direção de Hilton Lacerda. Produção de João Vieira Jr.; Chico Ribeiro; Ofir Figueiredo. Roteiro: Hilton Lacerda. Música: Dj Dolores. Pernambuco: Rec Produtores Associados; Polo de Imagem; Estúdios Quanta, 2013. (110 min.), son., color.
- XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 212 p.